

Editorial

Observando a psiquiatria

Observing psychiatry

Octavio Domont de Serpa Junior*¹

Julio Verztman*²

Observar a Psiquiatria. Como se faz? Observa-se com lupa ou com luneta? A olho nu? Só mobilizamos a visão ou também outros sentidos? E o que devemos “observar” quando “observamos” a psiquiatria? Quais os contornos deste “objeto”? Para início de conversa, poderíamos circunscrever a psiquiatria dentro dos mesmos limites propostos por Canguilhem (1966/1982) para situar a Medicina: “...uma técnica ou uma arte situada na confluência de várias ciências, mais do que uma ciência propriamente dita [...] técnica ou arte de instauração e restauração do normal, situada na confluência de várias ciências e saberes, não redutível a uma dimensão exclusivamente cognitiva” (p. 16).

Essa passagem, em sua elegância e concisão, já indica alguns pontos fundamentais que nos servem como parâmetros para organizar a observação. De saída ela nos lembra que o nosso objeto é menos da ordem da fidelidade epistemológica a uma das regiões da ciência, regidas pelos seus respectivos

*1, 2 Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ (Rio de Janeiro, RJ, Brasil).

reducionismos metodológicos, do que da ordem de saber-fazer informado por diferentes ciências (naturais, sociais e humanas). Em seguida, somos informados sobre qual estado de coisas essa prática se propõe a transformar: instaurar ou restaurar o normal. Contudo, essa formulação crua oculta a enorme complexidade deste ponto: que práticas normativas e de normalização subjazem às nosologias, terapêuticas, políticas públicas? Devemos entender por restauração e instauração do normal uma recuperação clínica avaliada por parâmetros objetivos, medidos por escalas e protocolos? Ou o estabelecimento de uma normatividade que permita a criação de novas formas de relação do organismo humano com o seu meio natural, social e cultural? E finalmente, a passagem acima citada indica que as práticas clínicas e terapêuticas são um procedimento que não se esgota no plano cognitivo, mas envolvem necessariamente as dimensões intuitivas, afetivas e empáticas. Ou, formulando em outros termos, articulam necessariamente evidências, narrativas e valores.

Poder-se-ia objetar que o que apresentamos até agora concerne à medicina, de uma maneira geral. Não haveria alguma especificidade na Psiquiatria? O recurso à História pode nos ajudar a responder a esta pergunta.

A Psiquiatria emerge como a primeira especialidade da Medicina (Castel, 1978) há pouco mais de duzentos anos, em um cenário de importantes reformas políticas e institucionais. Esse momento foi interpretado tanto como o ponto culminante de um processo de exclusão dos desviantes da norma, iniciado século e meio antes (Foucault, 1961/1978), quanto o início de um processo de inclusão da loucura, que se estende também a outros desabilitados (Swain, 1977). Divergências à parte, o que essas duas interpretações têm em comum é a necessidade de compreender a Psiquiatria não só como o resultado do desenvolvimento interno do conhecimento médico, mas também como a expressão do contexto político, social e econômico no qual se insere.

De um ponto de vista mais interno, pode-se dizer que a Psiquiatria foi considerada a primeira especialidade da medicina menos pela particularidade do seu objeto — a loucura — do que por se caracterizar como uma medicina especial, devido à singularidade do seu espaço institucional de exercício — o asilo —, de suas práticas de cura — o tratamento moral — e da insistência no modelo clínico-sintomatológico, enquanto o restante da medicina tomava a anátomo-clínica como sua principal referência teórica e metodológica.

Essas especificidades encontram sua primeira formulação e síntese na obra de Pinel, *Traité médico-philosophique sur l'aliénation mentale*, publicada em primeira edição em 1801, onde encontramos a especialidade nascente escorada em fundamentos extraídos do conhecimento da medicina,

da filosofia e da prática junto aos pacientes. Pode-se dizer que, desde a sua alvorada, a Psiquiatria reconhece a complexidade ética e epistemológica de sua práxis e a necessidade de embasá-la nas ciências naturais e nas humanidades para fazer face ao desafio do cuidado terapêutico do sofrimento psíquico.

O pluralismo metodológico da psiquiatria, reconhecido e desenvolvido conceitualmente de forma sistemática pela primeira vez por Karl Jaspers (Ghaemi, 2007), nos oferece um enquadramento abrangente para organizarmos a nossa “observação” da psiquiatria. Como fazer face ao desafio de articular o corpo, em sua dupla face, objetiva e subjetiva, às vivências subjetivas e suas expressões interpretativas e narrativas produzidas no marco da história e da cultura (Kirmayer, 2015)?

À guisa de ilustração, podemos pensar nas questões que se colocam para a Psiquiatria, à medida que ela se desloca do ambiente quase experimental e asséptico do hospital psiquiátrico para a vida pulsante dos territórios da Atenção Psicossocial e da Atenção Básica, tanto no que diz respeito às categorias operatórias na apreensão das formas de sofrimento quanto no repertório de práticas de cuidado.

Ou nas questões que se colocam para a Psiquiatria em um mundo conectado, de subjetividades líquidas e cambiantes, de novos modos de uso e experiência do corpo. Ou que dizem respeito ao sofrimento moral que se produz em um cenário de precarização dos mecanismos de proteção social, de aumento da exclusão, das diferentes formas de violência, onde questões de classe, raça, gênero se impõem como operadores do conhecimento e da prática.

A seção “Observando a Psiquiatria” existe na *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental* desde 2004. Desde então foram publicados 33 artigos, que se concentraram em dois períodos: entre 2004 e 2008 e de 2014 até o presente momento. A seção se propõe a receber artigos que examinem, sob uma perspectiva crítica e reflexiva, as categorias que organizam a clínica e as práticas institucionais da psiquiatria contemporânea. Esta revista se alinha, assim, aos esforços oriundos de pesquisadores, praticantes, profissionais de diversos campos de saber e usuários no sentido de manter a psiquiatria viva e plural. A visada crítica e reflexiva de seus artigos pode contribuir decisivamente para a abertura permanente de nossas teorias e nossas práxis ao mundo onde elas estão inseridas. Diminuindo, deste modo, os riscos claros de redução do mental a apenas alguns de seus aspectos possíveis, como, por exemplo, o que habitualmente denominamos de neurociências.

Convidamos a todos os praticantes e pesquisadores deste campo a compartilharem as suas observações aqui conosco.

Referências

- Castel, R. (1978). *A ordem psiquiátrica: a idade de ouro do alienismo*. Rio de Janeiro, RJ: Graal.
- Canguilhem, G. (1982). *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária. (Trabalho original publicado em 1966).
- Foucault, M. (1978). *História da loucura na idade clássica*. São Paulo, SP: Perspectiva.
- Ghaemi, S. N. (2007). Pluralism in psychiatry: Karl Jaspers on science. *Philosophy, psychiatry, & psychology*, 14(1), 57-66.
- Kirmayer, L. J. (2015). Re-visioning psychiatry: toward an ecology of mind in health and illness. In: *Re-visioning psychiatry: Cultural phenomenology, critical neuroscience and global mental health* (pp. 622-660). Cambridge, Cambridge University Press
- Swain, G. (1977). *Le sujet de la folie. naissance de la psychiatrie*. Toulouse, França: Privat, 1977.

Citação/Citation: Serpa Junior, O. D., & Verztman, J. (2019, junho). Editorial. Observando a Psiquiatria. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 22(2), 189-193. <http://dx.doi.org/10.1590/1415-4714.2018v22n2p189.1>.

Editoras/Editors: Profa. Dra. Ana Maria Galdini R. Oda e Profa. Dra. Sonia Leite

Recebido/Received: 15.6.2019 / 6.15.2019 **Aceito/Accepted:** 17.6.2019 / 6.17.2019

EDITORIAL

Copyright: © 2009 Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental/ University Association for Research in Fundamental Psychopathology. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados / This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original authors and sources are credited.

OCTAVIO DOMONT DE SERPA JUNIOR

Professor associado do Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ (Rio de Janeiro, RJ, Br); Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Psiquiatria e Saúde Mental e do Mestrado Profissional em Atenção Psicossocial do IPUB/ UFRJ.

Rua Marquês de São Vicente 51/402 – Gávea
22451-047 Rio de Janeiro, RJ, Br.
<https://orcid.org/0000-0001-6827-4057>
domserpa@gmail.com

JULIO VERZTMAN

Doutor em ciências da saúde pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ (Rio de Janeiro, RJ, Br); Professor do Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica (PPGTP-UFRJ) e Professor do Programa de Mestrado Profissional em Atenção Psicossocial (IPUB-UFRJ); Coordenador do NEPECC; Psiquiatra do IPUB-UFRJ.

Rua Davi Campista, 105 – Humaitá
22261-010 Rio de Janeiro, RJ, Br.
<https://orcid.org/0000-0001-5495-3737>
jverztman@globob.com



This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium for non-commercial purposes provided the original authors and sources are credited.